

Variação lexical no falar amazonense: um estudo dialetal e metalexiconográfico das denominações para riacho/córrego

Lexical variation in the Amazonian speech: a dialectal and metalexiconographic study of the denominations for riacho/córrego

Edmilson José de Sá (CESA/UPE)
edjm70@gmail.com

Recebido em: 16 de set. de 2020.
Aceito em: 28 de set. de 2020.

SÁ, Edmilson José de. Variação lexical no falar amazonense: um estudo dialetal e metalexiconográfico das denominações para riacho/córrego. **Entrepalavras**, Fortaleza, v. 11, n. esp., p. 213-226, ago. 2021. DOI: 10.22168/2237-6321-10esp2088.

Resumo: Este artigo tem o intuito de analisar as variantes lexicais para *riacho/córrego* tanto do ponto de vista diatópico quanto metalexiconográfico. Para tanto, apropriando-se das denominações registradas por Cruz (2004), no Atlas Linguístico do Amazonas e por Maia (2018), no Atlas Linguístico do Sul do Amazonas, serão verificados os limites onde se registram as variantes lexicais mais acentuadas e, investigando em dicionários produzidos por Houaiss (2009), Ferreira (2010) e Michaelis (2015), será apurado como são tratados os regionalismos diacronicamente, permitindo, assim, a percepção das convergências e divergências entre essas obras lexicográficas. Com base na análise, foi possível constatar algumas divergências no que concerne ao registro das denominações para os referidos itens de estudo e o que se encontra apregoadado nos dicionários, suscitando a necessidade de atualização lexicográfica a partir das acepções regionalistas do Norte do País.

Palavras-chave: Riacho. Geolinguística. Região do Amazonas. Metalexiconografia.

Abstract: This article aims to analyze the lexical variants for *riacho/córrego* both from the diatopic and metalexigraphic point of view. Therefore, appropriating the denominations recorded by Cruz (2004), at the Linguistic Atlas of Amazonas and by Maia (2018) at the Linguistic Atlas of the South of Amazonas will be verified and, investigating in dictionaries produced by Houaiss (2009), Ferreira (2010) and Michaelis (2015), it will be investigated how regionalisms are treated daily, thus allowing the perception of convergences and divergences among these lexicographic works. Based on the analysis, it was possible to verify some divergences regarding the registration of denominations for these study items and what is touted in dictionaries, raising the need for lexicographic updating from the regionalist meanings from the North of the country.

Keywords: Stream. Geolinguistics. Amazonas Region. Metalexigraphy.

Introdução

Pesquisas acerca da descrição do português brasileiro têm sido realizadas por toda parte, almejando o mesmo objetivo: delimitar um perfil adequado e fiel da língua falada e escrita produzida pela variação fonética, lexical e morfossintática. Assim, inúmeras monografias, dissertações e teses, bem como artigos apresentados em congressos já possibilitam uma reflexão extensa sobre a fala espontânea comumente não confirmada nos dicionários e, se ocorrer, o repertório linguístico revelado exibe sentidos diferentes.

Nesse sentido, tanto Isquerdo (2007) quanto Fajardo (1996; 1997) defendem a necessidade de os lexicógrafos usufruírem as pesquisas geolinguísticas, cujo produto se manifesta através dos atlas linguísticos para renovarem os dicionários com a atualização das variedades regionalistas.

Cientes dessa preocupação, o trabalho em tela almeja verificar como o léxico da Região Norte, com ênfase ao português falado na região do Amazonas, é tratado em dicionários Houaiss (2009), Ferreira (2010) e Michaelis (2015). Na ocasião, será feito o estudo concernente às denominações para *igarapé*, pertencentes ao campo semântico acidente geográfico.

Após a seleção de variantes, será verificada nas notas enciclopédicas dispostas nos dicionários as semelhanças e diferenças oferecidas aos conceitos, como também a distribuição diatópica e semântica atribuída às denominações.

Este trabalho se estrutura da seguinte forma: *in limine* será feito um recorte sobre os estudos dialetais do português brasileiro aventados desde a sua proposta inicial no final dos anos 50 à catalogação dos trabalhos mais recentes. Em seguida, será traçado um panorama acerca

do léxico e sua relação com a lexicografia e a metalexicografia. Após a apresentação dos trabalhos de Cruz (2004) e Maia (2018), do qual foi retirado o *corpus* com as variantes para *igarapé*, far-se-á uma análise diatópica de acordo com a distribuição das denominações nos espaços territoriais delimitados pela região do Amazonas e também uma análise lexicográfica nos dicionários selecionados, no intuito de confirmar se as acepções dos itens lexicais se assemelham ou se diferenciam. Ao fim do trabalho, serão tecidas algumas considerações e serão mencionadas as referências do texto.

Aspectos dialetais do português brasileiro: do planejamento à atualidade

No Brasil, a ideia de registrar as marcas dialetais brasileiras foi, a princípio, sugerida por Nascentes (1958). Contudo, já prevendo as dificuldades na coleta de dados, o linguista preferiu arrefecer os ânimos e preferiu a elaboração de atlas regionais, adiando o seu projeto de um Atlas Linguístico de Brasil. Nas *Bases para a elaboração do Atlas Linguístico de Brasil*, o autor se justifica:

[...] embora seja muito vantajoso um atlas feito ao mesmo tempo no país inteiro, pois o fim não é muito distanciado do início, os Estados Unidos, país vasto com belas trilhas, preferiram a elaboração de atlas regionais, para uni-los depois no atlas geral. Igualmente nós deveríamos fazer isto em nosso país que também é vasto (NASCENTES, 1958, p. 07).

Desde o fim dos anos cinquenta, portanto, estão sendo ampliados alguns trabalhos importantes que têm servido de apoio teórico aos estudos variacionistas e, pelo *continuum*, para as pesquisas geolinguísticas mais recentes.

O trabalho pioneiro de Nelson Rossi em 1963, chamado *Atlas Prévio dos Falares Baianos – APFB* (ROSSI, 1963), foi a deixa para a confecção de vários outros trabalhos hoje encontrados tanto nas bibliotecas do Brasil, como fora delas.

Após o estudo realizado na Bahia, foram construídos o *Esboço de um Atlas Linguístico de Minas Gerais* (RIBEIRO et al., 1977), o *Atlas Linguístico da Paraíba* (ARAGÃO; MENEZES, 1984), o *Atlas Linguístico de Sergipe* (FERREIRA et al., 1987), o *Atlas Linguístico do Paraná* (AGUILERA, 1994), o *Atlas Linguístico e Etnográfico da Região Sul do Brasil* (KOCH et al., 2002), o *Segundo Atlas Linguístico de Sergipe* (CARDOSO, 2002), o *Atlas Linguístico Sonoro do Pará* (RASKY, 2004), o *Atlas Linguístico do Amazonas*

(CRUZ, 2004), o *Atlas Linguístico do Paraná – II* (ALTINO, 2007), o *Atlas Linguístico do Mato Grosso do Sul* (OLIVEIRA, 2007) e o *Atlas Linguístico do Estado do Ceará* (BESSA, 2010), o *Atlas Linguístico de Goiás* (MILANI et al., 2015), o *Atlas Linguístico de Pernambuco* (SÁ, 2016), o *Atlas Linguístico do Amapá* (RASKY et al., 2017) e o *Atlas Linguístico Etnográfico do Estado de Alagoas* (DOIRON, 2017), *Atlas Linguístico do Acre – fronteiras léxicas* (KARLBERG, 2018).

Ainda há cinco Atlas Regionais em fase de implantação, que pertencem aos estados do Maranhão, Rio Grande do Norte, Espírito Santo, Rondônia, Pará e Piauí, além de outras dissertações e pesquisas já concluídas ou em elaboração, enfocando atlas microrregionais.

Estudos geolinguísticos sobre os falares do Amazonas

Partindo das palavras de Meireles Filho (2004, p. 22), quando afirma que “toda vez que alguém pergunta qual a principal riqueza material do Brasil, a Amazônia é quase sempre a primeira menção. Nesse sentido, pode-se dizer que a Amazônia é mais falada que conhecida, é mais discutida que vivida, mais mito que realidade”, já se contempla a necessidade de conhecer a sua cultura e, por extensão, a sua língua. Assim, por se aproximar do uso popular, pelo seu caráter de informalismo, vocabulário e fraseologia simples, a língua pode ter seu repertório registrado em documentos que perduram por gerações, papel esse conferido à Dialectologia e à Geolinguística.

A despeito do pioneirismo confiado a Correa (1980), numa dissertação de mestrado que analisava aspectos fonético-fonológicos e léxico-semânticos de Itacoatiara e Silves, no Amazonas, foi a partir da construção do *Atlas Linguístico do Amazonas – ALAM* por Cruz (2004), que os estudos descritivos do falar amazônico começaram a ganhar força. Nesse primeiro atlas, a autora proferiu inquéritos em nove municípios, pertencentes a nove microrregiões do Amazonas, distribuídos equitativamente em três faixas etárias: 18 a 35 anos, 36 a 55 e 56 em diante. Ao final da catalogação das respostas, foram elaboradas 257 cartas linguísticas, sendo 107 de nível fonético-fonológico e 150 de nível semântico-lexical.

Além de trabalhos de pequeno domínio, seja a nível de graduação, seja a nível de especialização – *lato e strictu senso* –, a cada ano, vários pesquisadores divulgam seus estudos de cunho fonético-fonológico, semântico-lexical ou morfológico.

Do ponto de vista dos atlas linguísticos, alguns trabalhos sobre os falares amazônicos se destacam.

Após o ALAM, foi construído o *Atlas dos Falares do Baixo Amazonas – AFBAM*, como dissertação de mestrado por Britto (2011), cujos registros de variantes ocorreram a partir das respostas a um questionário fonético-fonológico, aplicado em Barreirinha, Boa Vista do Ramos, Nhamundá, São Sebastião do Uatumã e Urucará, resultaram em 132 cartas fonético-fonológicas. Em cada uma dessas localidades foram entrevistados seis informantes, escolhidos nos dois gêneros entre as seguintes faixas etárias: 18 e 35 anos, 36 e 55 anos e 56 anos em diante.

Em 2012, foi construído o *Atlas Linguístico dos Falares do Alto Rio Negro – ALFARiN* (JUSTINIANO, 2012), contemplando pontos não selecionados para o Atlas estadual e também foi desenvolvido com o propósito de registrar fenômenos fonéticos, o que ocorreu a partir de inquéritos realizados segundo os mesmos critérios do AFBAM em municípios da microrregião do Alto Rio Negro, pertencente à mesorregião Norte Amazonense: São Gabriel da Cachoeira, Santa Isabel do Rio Negro e Barcelos.

O *Atlas Morfossintático da Região do Madeira – AMSIMA* se constituiu um produto da dissertação de mestrado de Tavares (2017). Seguindo os mesmos critérios de escolha de informantes dos trabalhos supracitados, a pesquisadora realizou inquéritos em cinco municípios pertencentes à microrregião do rio Madeira: Borba, Novo Aripuanã, Manicoré, Apuí e Humaitá, com base nas 49 perguntas do Questionário Morfossintático (QMS) do *Atlas Linguístico do Brasil – ALiB* (CARDOSO *et al.*, 2014), além de ter realizado elocuições livres. Ao final, foram produzidas 134 cartas linguísticas que trouxeram os comportamentos morfossintáticos mais relevantes.

A tese *Atlas Linguístico do Sul Amazonense – ALSAM*, defendida por Maia (2018), apresentou 449 cartas linguísticas, divididas entre fonético-fonológicas e semântico-lexicais, produzidas conforme as respostas a inquéritos realizados em seis municípios da mesorregião do Sul amazonense – Boca do Acre, Lábrea, Tapauá, Humaitá, Manicoré e Borba. Dessa vez, os critérios diastráticos foram distintos dos trabalhos anteriores, pois envolveram duas faixas etárias (20 a 35 anos e 50 a 65 anos) e escolaridade selecionada entre 4 a 7 anos e 10 a 13 anos.

Com base em inquéritos realizados em quatro municípios – Coari, Codajás, Manacapuru e Novo Airão, pertencentes à microrregião do Rio Negro-Solimões, foi construído o *Atlas Morfossintático de parte*

da *Microrregião do Rio Negro-Solimões – AMPRINES*, como dissertação de mestrado defendida por Medeiros (2018). Nesse trabalho, o autor inquiriu moradores escolhidos nos mesmos perfis do *Atlas Morfossintático da Região do Madeira – AMSIMA* e registrou os fenômenos em 134 cartas linguísticas.

Mais recentemente, já em 2019, sentindo a necessidade de documentação de variantes lexicais proferidas por falantes de municípios não inquiridos no ALAM, surgiu o trabalho ‘Aspectos dialetais do Médio Amazonas: um estudo sobre o léxico’ de Batista (2019), que investigou em Itacoatiara e Silves por meio da aplicação de um Questionário Semântico-Lexical (QSL) contendo 100 perguntas distribuídas em 10 campos semânticos. O perfil dos habitantes seguiu as dimensões diagenéricas e diageracionais do ALiB, às quais também foram seguidas as dimensões diazonais e de nível de escolarização, com falantes distribuídos equitativamente nos níveis fundamental e médio. Ao total, foram construídas noventa cartas léxicas.

Lexicografia e metalexigrafia: duas ciências de estudos do léxico

218

A descrição do vocabulário de uma língua constitui um objeto comum para a lexicografia e a lexicologia, uma vez que ambas se diferenciam essencialmente pelo grau de sistematização e completude. É através da lexicografia que os itens lexicais são sistematizados e nela são reveladas características que esses itens compartilham, enquanto a descrição semântica formal e funcional das lexias é conferida à lexicologia, conforme diferencia Casares (1992, p. 11):

Da mesma forma que podemos distinguir uma ciência da gramática e uma arte da gramática, podemos distinguir duas faculdades, que têm por objeto comum a origem, a forma e o significado das palavras: lexicologia, que estuda esses temas do ponto de vista geral e científico, e a lexicografia, cujo papel, principalmente utilitário, é justamente definido em nosso léxico como ‘a arte de compor dicionários’ (tradução nossa).¹

A essas ciências se junta a metalexigrafia ou lexicografia teórica, que abarca uma perspectiva mais multidisciplinar, a partir da qual são inseridas abordagens oriundas de outras linhas de investigação

¹ De igual manera que distinguimos una ciencia de la gramática y un arte de la gramática, podemos distinguir dos facultades, que tienen por objeto común el origen, la forma y el significado de las palabras: la lexicología, que estudia estas materias desde un punto de vista general y científico, y la lexicografía, cuyo cometido, principalmente utilitario, se define acertadamente en nuestro léxico como el ‘arte de componer diccionarios’.

linguística, como a semântica, da morfossintaxe, que se unem metodologicamente conforme a organização de Morkovikin (1992, p. 359)²:

A teoria lexicográfica tem vários componentes, entre eles: a) estudo da extensão, do conteúdo e da estrutura do conceito de Lexicografia; (b) a lexicologia dicionarista, ou seja, aquela que serve como base para criar os trabalhos lexicográficos; (c) estudo de gêneros e tipos de dicionários; (d) a teoria dos elementos e parâmetros de um dicionário; (e) estudo dos fundamentos da criação de obras lexicográficas e a informatização da obra lexicográfica; (f) a teoria das fichas e do desenvolvimento de materiais primários; (g) planejamento e organização da obra lexicográfica; (h) criação e delimitação das regras lexicográficas.

Borba (2003, p. 15), por sua vez, apresenta alguns aspectos da metalexigrafia fundamentados na lexicografia:

- a) Técnica de montagem de dicionários, ocupando-se de critérios para seleção de nomenclaturas ou conjunto de entradas, de sistemas definidores, estrutura de verbetes, critérios para remissões e registro de variantes;
- b) Numa visão mais teórica, consiste de estabelecer um conjunto de princípios que permitem descrever o léxico – total ou parcial – de uma língua, desenvolvendo uma metalinguagem para manipular e apresentar as informações pertinentes.

Partindo da ideia de unificar os interesses geolinguísticos com a lexicografia, por meio da verificação de regionalismos combinados ou não com o espaço geográfico onde realmente se registram, é conveniente refletir sobre a amplitude dos estudos do léxico não apenas por conta dos mecanismos de estruturação mórfica a que toda lexia está sujeita, mas por causa dos processos enriquecedores, aos quais Borba (2003, p. 119) nomeia de *neologismo* e *empréstimo*.

Nesse sentido, a criação neológica ocorre seguindo dois parâmetros. Por um lado, depara-se com a recontextualização de palavras em circulação e conseqüente aparecimento de nova acepção e por outro, encontra-se a incorporação de novos itens ao léxico geral.

² La teoría lexicográfica tiene varios componentes comprendidos entre ellos: a) el estudio de la extensión, el contenido y la estructura del concepto de lexicografía; b) la lexicología dicionarista, es decir, aquella que sirve de base para crear las obras lexicográficas; c) el estudio de los géneros y tipos de diccionarios; d) la teoría de los elementos y parámetros de un diccionario; e) el estudio de los fundamentos de la conformación de obras lexicográficas y de la computarización del trabajo lexicográfico; f) la teoría del fichado y conformación de materiales primarios; g) la planificación y la organización del trabajo lexicográfico; h) la conformación y delimitación de las reglas lexicográficas.

Nada obstante, no primeiro caso, essa criação é causada por restrições sociais, enquanto no segundo caso, a simples aplicação da regra morfológica ou empréstimos de línguas com que mantém contato pode ser a justificativa para a formação de um novo item lexical.

É fato que não se pode desvincular os estudos lexicais da perspectiva semântica, pois a circulação de lexias de uma língua decorre tanto da *renominação*, multiplicando os itens lexicais, como da *polissemia*, multiplicando os significados. Ademais, é conveniente, ainda, assimilar a dicotomia *sinonímia / paronímia*, em que na primeira tem-se a equivalência de significado e na segunda, vislumbra-se a semelhança fônica entre lexias.

Apropriando-se de Biderman (2001, p. 13), quando menciona que “o léxico de uma língua natural constitui uma forma de registrar o conhecimento do universo”, cumpriu-se aqui o propósito de refletir acerca do papel da lexicografia e da visão teórica expressa pela metalexicografia. Agora, a tarefa é verificar que ramos teórico-metodológicos podem ser utilizados para uma coleta de dados favorável ao repertório linguístico pertencente ao falante.

Aspectos metodológicos

A análise metalexicográfica aqui proposta advém de *corpora* constituído das variantes registradas em atlas linguísticos de falares do Amazonas quando foi perguntado aos informantes “como se chama aqui um rio pequeno, de uns dois metros de largura?”, mantida no rol de questões pertencentes ao campo semântico *acidentes geográficos* do ALiB. Os resultados para a questão foram escolhidos tendo em vista o número considerado de variantes marcadas, embora parte delas já se encontre registrada em outros trabalhos de pesquisa geolinguística, o que torna mais adequada a análise das marcas dialetais específicas dos falares da região amazônica.

Se para Biderman (2001, p. 135), regionalismos são constituídos de “qualquer fato linguístico (palavra, expressão ou seu sentido) próprio de uma ou de outra variedade regional do português do Brasil” distinguindo-se, assim, da norma padrão, acredita-se, então, na conveniência de adicionar os registros lexicais encontrados nos atlas linguísticos à produção lexicográfica, a fim de descrever marcas dialetais, retificar ou manter grafias e precisar a distribuição de sinônimos. Por esse motivo, surgiu a ideia de verificar nos dicionários Houaiss (2009),

Ferreira (2010) e Michaelis (2015) quais as denominações de *igarapé* se mantêm registradas como marcas do falar do Amazonas e, por extensão, do Norte do país.

A escolha das obras lexicográficas se deve ao número considerável de verbetes, o que pode auxiliar não apenas na delimitação das marcas, mas entender as origens das variantes, a partir do que já catalogado nos atlas linguísticos. Nessa perspectiva, concorda-se com Zumbado e Dias (2002), quando defendem que:

[...] na lexicografia regional, o atlas tende a ser, por sua extensão e conteúdo, o repertório lexical mais amplo de que dispõe o dialetólogo e, portanto, fonte primária do vocabulário diferencial, que servirá como uma grande ajuda na criação de orações e suas variantes, as etimologias, significados e as marcas mais amplas (ZUMBADO; DIAS, 2002, p. 1219).

Para a realização da análise, foram adotados os seguintes procedimentos metodológicos:

- 1) Levantamento das denominações de *igarapé* encontradas nos Atlas Linguísticos do Amazonas e do Sul do Amazonas;
- 2) Catalogação das denominações segundo os dicionários selecionados, a fim de averiguar as visões enciclopédicas e diatópicas acerca de cada uma delas;
- 3) Confirmação das variantes encontradas nos dicionários e nos atlas linguísticos.
- 4) Exegese acerca das convergências e divergências verificadas na análise dos dados face ao registro nas obras lexicográficas.

Estudo diatópico e metalexigráfico

As respostas para a pergunta referente ao ‘rio pequeno, de uns dois metros de largura’ podem ser conferidas no quadro 1, conforme distribuição nos atlas linguísticos do Amazonas e do Sul do Amazonas. De acordo com os registros lexicográficos em Houaiss (2009), Ferreira (2010) e Michaelis (2015), as denominações foram inseridas no quadro de acordo com o conceito para o item esperado (x), como itens com outros conceitos (OC) ou não se encontram dicionarizadas (ND).

Quadro 1 – Variantes para Igarapé nos atlas da Amazônia e nos dicionários

VARIANTES	ALAM	ALSAM	Houaiss (2009)	Ferreira (2010)	Michaelis (2015)
Afluentes	x	x	OC	OC	OC
Braço		x	x	OC	OC
Cabeceira	x		OC	OC	OC
Córrego		x	x	x	x
Estreito	x		OC	OC	OC
Igarapé	x	x	x	x	x
Lago	x	x	x	x	x
Lagoa	x		x	x	x
Laguinho	x		x	x	x
Paraná	x		OC	OC	OC
Poço	x		OC	OC	OC
Repartimento de cabeceira	x		ND	ND	ND
Riacho	x	x	x	x	x
Rio Estreito	x		ND	ND	ND

Fonte: organização do autor.

No ALAM, foram registradas as variantes *afluentes*, *cabeceira*, *estreito*, *igarapé*, *lago*, *lagoa*, *laguinho*, *paraná*, *poço*, *repartimento de cabeceira*, *riacho* e *rio estreito*, enquanto no ALSAM convergem os itens *afluentes*, *igarapé*, *lago* e *riacho*. Nesse trabalho mesorregional ainda foram registradas as variantes *braço* e *córrego*.

O item *igarapé* se distribuiu nos nove pontos de inquérito do ALAM e ocorrências como *afluentes*, *cabeceira*, *lago*, *lagoa* e *riacho* foram registradas em inquéritos ocorridos em mais de um ponto. Porém, essas cinco denominações parecem não constituir marcas dialetais do falar do Amazonas, como se percebe com o item *igarapé*, que se categorizou no Estado, o que foi confirmado nos dois atlas em tela. Segundo encontrado em Houaiss (2009), a variante advém do tupi *iara'pe 'pequena corrente

de água entre ilhas ou trechos de um rio’, estruturada de i’ara ‘canoa’ + ‘pe ‘caminho’. A origem condiz com a realidade do estado do Amazonas, já que se trata de riachos que ligam duas ilhas entre si ou uma ilha à terra firme e, graças a sua estreitura e profundidade, somente canoas e barcos pequenos podem navegar por ele.

Variantes como *paraná* (ponto 2 – Tefé), *rio estreito* (ponto 2), *laquinho* e *repartimento de cabeceira* (ponto 8 – Itacoatiara), *poço* e *estreiro* (ponto 7 – Manacapuru) foram registradas apenas nos pontos indicados.

Após a consulta dos dicionários, percebeu-se o quão divergente se encontraram os sentidos de alguns itens lexicais respondidos pelos informantes nos dois *corpora* em questão, quais sejam: *afluente*, *braço*, *cabeceira*, *estreiro*, *paraná* e *poço*. O quadro 2, na sequência, apresenta uma descrição dos conceitos dicionarizados em Houaiss (2009), Ferreira (2010) e Michaelis (2015) dos itens lexicais cujos sentidos discrepam do esperado nos inquéritos, pois os itens lexicais compostos *repartimento de cabeceira* e *rio estreito* não se encontram dicionarizados.

Quadro 2 – Denominações com conceitos dicionarizados em Houaiss (2009) não relacionados ao igarapé

Afluente	Referente à corrente de água que alimenta ou ao deságue em outra corrente maior ou num lago.
Braço	Cada uma das divisões do curso de um rio na foz.
Cabeceira	Local onde nasce um rio ou riacho; nascente.
Estreiro	Canal natural pouco largo que liga dois mares ou duas partes do mesmo mar.
Paraná	Braço de um rio caudaloso, separado do curso principal por uma ou várias ilhas.
Poço	Buraco, geralmente circular, que se faz no solo para acumular água; o ponto mais fundo de um rio ou lago.

Fonte: organização do autor.

Como se percebe, embora haja certa aproximação semântica, mas os conceitos lexicografados não convergem com a resposta esperada para o pequeno rio de uns dois metros de altura. Ao contrário, parece ser idealizada na cultura do falante do Amazonas a paisagem em que rios extensos se subdividem ou que representam elementos de mar que nascem, cujos braços se abrem costa a dentro.

Por esse motivo, é conveniente que os dicionários sejam atualizados no tocante às variantes não lexicografadas e, sobretudo, na confirmação dos limites territoriais onde as marcas linguísticas são evidenciadas.

Considerações Finais

A proposta para este trabalho permitiu inserir a lexicografia e a metalexicografia aos estudos dialetais, cujos dados abroham de documentos de descrição linguística de cunho diatópico chamados de atlas linguísticos.

Para esse fim, foram usados dois atlas do falar amazonense, dos quais foram selecionadas as cartas léxicas com as variantes para *riacho/córrego*, conceituados como o rio pequeno de uns dois metros de largura.

Após catalogar as denominações registradas nos *corpora*, foram usados os dicionários Houaiss (2009), Ferreira (2010) e Michaelis (2015) para verificar se os verbetes que registram são consensuais com os atlas linguísticos e se possuem acepções semelhantes.

Verificou-se que a maioria das denominações catalogadas se encontra dicionarizada em, pelo menos, uma das obras e algumas marcas possuem acepções divergentes ao conceito de *igarapé*. Por isso, essas obras lexicográficas ainda carecem de uma atualização quanto às caracterizações diatópicas, haja vista o fato de as notas enciclopédicas fazerem maior referência à extensão de sentido ou à coloquialidade.

Admite-se, então, que a língua evolui através dos tempos; palavras são criadas; outras tantas são arcaizadas, o que reforça, portanto, que a língua nunca foi e nunca será homogênea. Logo, a permanência dessa língua consignada em atlas linguísticos e dicionários compete justamente aos dialetólogos e aos lexicógrafos.

Referências

AGUILERA, V. de A. **Atlas Linguístico do Paraná**. Curitiba: Imprensa Oficial, 1994.

ALTINO, Fabiane Cristina. **Atlas Linguístico do Paraná II**. Tese de Doutorado. Universidade Estadual de Londrina, 2007. Vol. 1-2.

ARAGÃO, M. do S. S. de; MENEZES, C. **Atlas Linguístico da Paraíba**. Brasília: UFPB, 1984.

BATISTA, Bryana Connie Linda Lopes. **Aspectos dialetais do Médio Amazonas: um estudo sobre o léxico**. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2019.

BESSA, José Rogério Fontenele. **Atlas linguístico do Estado do Ceará**. Vol. 1 – Introdução. Fortaleza: Edições UFC, 2010.

BIDERMAN, Maria Teresa Camargo. **Teoria Lingüística**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

BORBA, Francisco da Silva. **Organização de dicionários**: uma introdução à Lexicografia. São Paulo: UNESP, 2003.

BRITO, Roseanny de Melo. **Atlas dos Falares do Baixo Amazonas – AFBAM**. Dissertação (Mestrado em Sociedade e Cultura na Amazônia) – Instituto de Ciências Humanas e Letras, Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2011.

CARDOSO, Suzana A. M. et al. **Atlas Linguístico do Brasil (ALiB)**. Vol. 1 e 2. Londrina: EDUEL, 2014.

CARDOSO, Suzana Alice Marcelino. **Atlas Linguístico de Sergipe II**. Tese (Doutorado), Rio de Janeiro, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2002

CASARES, J. **Introducción a la lexicografía moderna**. 3 ed. Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas, 1992.

CORRÊA, Hydelydia Cavalcante de O. **O falar do Caboco**: aspectos fonético-fonológicos e léxico-semânticos de Itacoatiara e Silves. Dissertação de Mestrado em Letras: Língua Portuguesa. Rio de Janeiro, PUC, 2. sem. 1980.

CRUZ, Maria Luiza de Carvalho. **Atlas Lingüístico do Amazonas**. Tese (Doutorado), Rio de Janeiro, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2004.

DOIRON, Maranúbia Pereira Barbosa. **Atlas Linguístico do Estado de Alagoas – ALEAL**. Tese de doutorado. Londrina: UEL, 2017.

FAJARDO, A. Las marcas lexicográficas: concepto y aplicación práctica em la lexicografía española. **Revista de Lexicografía**. v.3, p. 31-57, 1996-1997.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Dicionário Aurélio**. 5.^a ed., Curitiba: Melhoramentos, 2010

FERREIRA, Carlota et. al. **Atlas Lingüístico de Sergipe (ALS)**. Salvador: UFBA-FUNDESC, 1987

HOUAISS, A. et al. **Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

ISQUERDO, A. N. A propósito de dicionários de regionalismos do português do Brasil. In: ISQUERDO, A. N.; ALVES, I. M. **As ciências do léxico**: lexicologia, lexicografia e terminologia. v. 3. Campo Grande, MS: Ed. UFMS; São Paulo: Humanitas, 2007. p. 193-208.

JUSTINIANO, Jeiviane dos Santos. **Atlas dos Falares do Alto Rio Negro – ALFARiN**. Dissertação (Mestrado em Letras) – Instituto de Ciências Humanas e Letras, Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2012

KARLBERG, Luísa Galvão Lessa. **Atlas etnolinguístico do Acre – ALAC**: fronteiras léxicas. Rio Branco: Edufac, 2018.

MAIA, Edson Galvão. **Atlas Linguístico do Sul Amazonense (ALSAM)**. Tese de Doutorado. Londrina: Universidade Estadual de Londrina – UEL, 2018.

MAIA, Edson Galvão. **Atlas Linguístico do Sul Amazonense**. Tese de Doutorado. Londrina: UEL, 2018.

MEDEIROS, Josué Cordovil. **Atlas Morfossintático de parte da microrregião do Rio Negro-Solimões – AMPRINES**. Dissertação de Mestrado em Letras – Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2018.

MEIRELES FILHO, João. **O Livro de Ouro da Amazônia**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2004.

MICHAELIS. **Dicionário Escolar Língua Portuguesa**. São Paulo: Melhoramentos, 2015.

MILANI, S. E. *et al.* **Atlas Linguístico de Goiás: léxico-fonético**. Rio de Janeiro: Barra Livros, 2015

MORKOVIKIN, Valeriy V. Fundamentos teóricos de la lexicografía docente contemporánea. **Actas el IV Congreso Internacional**. EURALEX 90, 1992, 359 – 368.

OLIVEIRA, D. G. de (Org.) **ALMS – Atlas Linguístico do Mato Grosso do Sul**. Campo Grande: Editora UFMS, 2007.

RAZKY, A.; RIBEIRO, C. M. da R.; SANCHES, R. D. **Atlas linguístico do Amapá**. São Paulo: Labrador, 2017

RAZKY, Abdelhak. **Atlas linguístico sonoro do Pará (ALISPA)**. Belém: Gráfica e Grafia, 2004.

RIBEIRO, J. *et al.* **Esboço de um atlas linguístico de Minas Gerais**. Rio de Janeiro: Casa de Rui Barbosa, 1977.

ROSSI, N. *et al.* **Atlas prévio dos falares baianos**. Rio de Janeiro: INL, 1963.

SÁ, Edmilson José de. **Atlas Linguístico de Pernambuco**. São Paulo: Ixtlan, 2016.

ZUMBADO, Cristóbal José Corrales; DÍAZ, Dolores CORBELLA, “El ALEICan en los diccionarios”, AFA, LIX-LX, 2002-2004, In: CASTAÑER, Rosa Maria; ENGUITA, José Maria (eds.) **Archivo de filología aragonesa**. In memoriam Manuel Alvar. pp. 1203-1222.